



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14022 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)
 ISSN: 2447-2808
 GT17 - Filosofia da Educação

ÉTICA E LINGUAGEM: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO ESTUDO SOBRE JEAN-PAUL SARTRE

Lorrane de Jesus Aquino Ferreira - UEG-PPGE - Universidade Estadual de Goiás
 Liliane Barros de Almeida - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

ÉTICA E LINGUAGEM: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO ESTUDO SOBRE JEAN-PAUL SARTRE

Resumo: Nessa pesquisa propõe-se investigar ética e linguagem a partir do estudo sartriano, concepção que considera o homem como sujeito livre, destituído de uma “natureza”, sendo, portanto, responsável por sua existência que, enquanto unidade dialética, realiza-se em âmbito particular e coletivo. Livre de determinações, é o próprio homem quem cria o conjunto de valores que orientarão sua vida, bem como a vida de todos em sociedade, pois ao engajar-se em seu projeto individual, engaja a humanidade inteira a partir de seu ponto de vista. Convém refletir sobre como o homem tem vivido sua liberdade e como esse viver tem constituído a realidade da grande morada humana, isto é, o *Ethos*. A linguagem, coexistindo com a cultura, integra o *Ethos* e, tomada como mediadora da relação homem-mundo, precisa ser refletida em sua dimensão ética, visto que constitui a realidade. Nessa perspectiva, intenciona-se recorrer a Sartre para compreender o real, colocando-o em questão para refletir como o homem tem habitado o seu *Ethos* e como esse habitar tangencia a Educação.

Palavras-chave: Linguagem, Existência, Ética, Liberdade, Educação.

A presente pesquisa tem por objetivo investigar a linguagem no bojo constitutivo da existência humana, tomando o existencialismo de Jean-Paul Sartre como premissa para pensá-la, tentando compreendê-la enquanto mediadora da relação homem-mundo, considerando a existência do homem ^[1] como unidade dialética – particular e coletiva, situada histórica e culturalmente.

A premissa do existencialismo sartriano considera que “[...] a existência precede a essência [...]” (SARTRE, 1987, p. 5), ou seja, o homem primeiro existe e, só posteriormente, à medida que vive, construindo sua realidade, é que se define. Essa construção se dá a partir de suas ações, as quais são sempre livres, visto que, não havendo uma natureza humana e, tampouco, um conjunto de valores *a priori* que estabeleça sua conduta de vida, o homem é aquilo que faz de si mesmo.

O existencialismo de Sartre intenciona colocar o homem em posse da responsabilidade total de sua existência, não somente em sua estrita individualidade, porque o homem só se faz homem entre homens. Ao projetar-se como ser-no-mundo, o homem projeta todos os homens, e é nesse sentido que Sartre (1987) afirma que “tudo se passa como se a humanidade inteira estivesse de olhos fixos em cada homem e se regresse por suas ações” (SARTRE, 1987, p. 8). Existir e fazer-se humano é um compromisso que ultrapassa a perspectiva individual, estendendo-se ao âmbito coletivo, que caracteriza e possibilita ao homem realizar-se como ser histórico, social e cultural. Ao agir, deve questionar: e se todos fizessem o mesmo?

O homem não pode escapar à sua condição de ser social. Não existe outro estado de ser homem que não esse. Ele vive o que se é em uma sociedade, e vive a sociedade inteira partindo de seu ponto de vista, encarnando-a enquanto a vive (SARTRE, 2015). Responsável por si e, por todos, ao realizar-se como existente, o homem faz-se como artista e, concomitantemente, como obra de arte. Tal como o artista decide no exercício de criação a obra que irá fazer, revelando-se também por meio dela, o homem decide sua existência criando seu próprio conjunto de valores.

Esse conjunto de valores expressa-se, sobretudo, na e pela da cultura que, compreendida em Chauí (2008), constitui-se como a transcendência do natural, do imediato, do biológico, inaugurando o mundo humano propriamente dito.

A ordem natural ou física é regida por leis de causalidade necessária que visam o equilíbrio do todo. [...] A ordem humana, porém, é a ordem simbólica, isto é, da capacidade humana para relacionar-se com o ausente e com o possível por meio da linguagem e do trabalho. A dimensão humana da cultura é um movimento de transcendência, que põe a existência como o poder para ultrapassar uma situação dada graças a uma ação dirigida àquilo que está *ausente*. Por isso mesmo somente nessa dimensão é que se poderá falar em *história* propriamente dita. Pela linguagem e pelo trabalho o corpo humano deixa de aderir imediatamente ao meio, como o animal adere. (CHAUÍ, 2008, p. 56).

O mundo humano transcende o natural, o empírico, constituindo-se como *Ethos* ^[2],

que tem a cultura e a linguagem como componentes fundamentais, considerando que ambas são indissociáveis e, portanto, coexistentes. O *ethos* é a grande morada humana, onde reside todo o sentido da vida, assumindo-se como fenômeno histórico-cultural, fundamental à existência humana como possibilidade. Do termo *ethos*, procede *ethike*, traduzida como Ética que, enquanto ciência de natureza filosófica, tem como objeto de estudo o próprio *ethos*, a grande morada humana (VAZ, 1999).

A linguagem, a cultura, a ética ou o conjunto disso tudo expresso pelo *Ethos*, enfim, a grande morada humana, são oriundos da própria existência humana, que só se realiza como movimento, como ação, como engajamento, porque

[...] não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo que faz (SARTRE, 1987, p. 09).

Nessa perspectiva, é pertinente refletir como o homem tem vivido sua liberdade e como essa liberdade em ação tem construído seu projeto de existência como ser-em-situação, como projeto coletivo que se faz no e pelo *Ethos*.

Tratando-se de uma discussão eminentemente filosófica, o método empreendido para a realização da presente pesquisa consiste na Fenomenologia que, suspendendo o objeto, intenciona compreender aquilo que é, buscando sua essência (TRIVIÑOS, 1987). Nesse sentido, é imprescindível buscar na origem os conceitos pretendidos na discussão, recorrendo a obras clássicas e, conforme necessário, a bibliografias contemporâneas que versem sobre a temática, objetivando, assim, uma reflexão filosófica encarnada na realidade, propondo questionamentos para pensar as ações constitutivas do real.

A relação homem-mundo não é imediata, porém, mediada, é complexa e difere da relação de outros animais com o mundo e com a própria vida, é a vida fazendo-se vida pelo movimento de existir. A existência humana é livre, entretanto, situada; é possibilidade, todavia, engajada; é individual, contudo, possível apenas coletivamente. É o paradoxo da negação de si como afirmação inacabada de outro.

O homem, definindo a si mesmo e projetando a humanidade a partir do engajamento de sua escolha, é responsável por sua existência e por tudo que constitui o seu existir. Tem total responsabilidade pela linguagem, pela cultura, pela ética, pelo fazer de si e dos outros. Como o homem tem habitado seu *Ethos*?

Pensar a existência humana em sua intrínseca relação com o *Ethos*, permite-nos tangenciar a Educação que, assumida originariamente como *Paideia*^[3], tem seu sentido e finalidade justificados na humanização do homem enquanto ser social, histórico e cultural,

enquanto ser ético, residente no *ethos*. Nessa perspectiva, a educação visa “[...] sobretudo a dimensão ético-política do homem e da sociedade, a elevação espiritual, a humanização de todos os homens, grupos, povos e instituições, enfim, a realização de sua dimensão humana. Esse é o sentido e a finalidade da educação, o que justifica sua existência” (COELHO; GUIMARÃES, 2012, p. 326).

Fundando-se na formação humana, a educação constitui-se como viabilizadora da vida em coletividade que, organizada socialmente, precisa ser cuidada para não se perder da ética e da liberdade, possibilitando a todos realizarem-se, efetivamente, como seres livres, justos e engajados.

Refletir sobre ética e linguagem por meio do existencialismo sartriano revela-se como um instigante desafio, colocando-nos em busca da origem, na tentativa de compreender aquilo que é. Pensar a existência humana é possibilidade de pensar o real e, questionando-o, é possível transformá-lo. O real só é passível de significativas transformações caso sua origem, sua base constitutiva, também o seja transmutado em sua gênese. Assim, consideramos a existência humana como a concepção da realidade, cujos princípios, residindo no *Ethos*, relacionam-se à linguagem e à educação como possibilidades da vida coletiva em âmbito ético e engajado.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y Emancipación**: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Buenos Aires, n. 1, p. 53-76, jun. 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2022.

COÊLHO, Ildeu Moreira; GUIMARÃES, Ged. EDUCAÇÃO, ESCOLA E FORMAÇÃO. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 37, n. 2, p. 323-339, 20 out. 2012. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v37i2.20728>.

SARTRE, Jean-Paul, 1905-1980. **O Existencialismo é um humanismo**; A Imaginação; Questão de Método / Jean-Paul Sartre; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Rita Correia Guedes; Luiz Roberto Salinas Fonte; Bento Prado Júnior. – 3. ed. – São Paulo: Nova Cultura, 1987.

SARTRE, Jean-Paul; PIOVENE, Guido. Discussão. In SARTRE, Jean-Paul. **O que é a subjetividade?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 160 p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de Filosofia IV**: introdução à ética filosófica 1. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

[1] Nessa pesquisa, concebemos o termo “homem” em sua origem grega, *anthropos*, referindo-nos, portanto, ao gênero humano, à humanidade.

[2] Ver Lima Vaz, 1999, p. 35-43.

[3] Ver Coêlho e Guimarães, 2012.